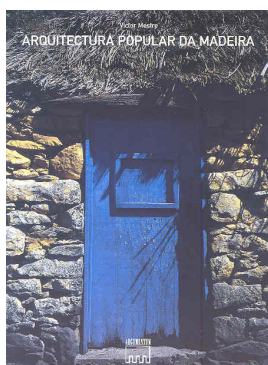


## Arquitectura Popular da Madeira [Nota Introdutória]

Texto publicado na monografia *Arquitectura popular da Madeira*, por Victor Mestre, Argumentum, 2001/02

Por Arquitecto Nuno Teotónio Pereira



1. Com a publicação desta obra sobre a arquitectura popular da Madeira encerra -se um ciclo iniciado, já lá vai quase meio século, com o arranque do Inquérito lançado no Continente pelo então Sindicato Nacional dos Arquitectos. Editada a 1ª edição deste trabalho em 1961, a que se seguiu a publicação da “Arquitectura Popular dos Açores” quarenta anos depois, já com a chancela da Ordem dos Arquitectos, ficava quase cumprido o ambicioso programa idealizado por Keil do Amaral, à custa dum trabalho aturado mas fascinante no terreno e em gabinete, desenvolvido por equipas de arquitectos abrangendo territórios e assentamentos humanos expressando realidades muito diferenciadas. Faltava o arquipélago da Madeira para que a ingente tarefa estivesse concluída. A ela teve a ousadia de meter ombros Victor Mestre, através de uma dissertação de mestrado na Universidade de Évora.

Ao colocar esta obra na sequência das anteriores, duas diferenças de vulto saltam à vista: uma autoria individual e uma iniciativa e consequente publicação não institucional. No entanto, tais diferenças não se reflectem notoriamente no trabalho realizado. É que, sem pôr em causa as capacidades e competência do Autor na observação, interpretação e registo das realidades que foi encontrar, não se pode entender esta obra como resultado de um labor solitário em termos metodológicos. O “Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago da Madeira” não seria concerteza o que é se Victor Mestre não tivesse participado activamente, como o fez, em idêntico trabalho nos Açores, integrado na equipa organizada pela então Associação dos Arquitectos Portugueses. E se não tivesse tido como orientador da dissertação Fernando Távora, cuja acção foi das mais relevantes do “Inquérito” no Continente. É por tudo isto que se me afigura inteiramente legítimo enquadrar o presente estudo na sequência dos dois anteriores, não obstante as diferenças assinaladas, completando assim a trilogia da Arquitectura Popular em Portugal.

2. No entanto, se em termos de “levantamento” este trabalho de Victor Mestre pode inscrever-se na linha dos que o antecederam, deve ser assinalado que vai mais longe, tanto nos propósitos como no desenvolvimento e sistematização de algumas matérias.

Vai mais longe, por exemplo, ao estudar as inter-relações entre arquitectura erudita e arquitectura popular – questão a florada mas não sistematicamente estudada nos trabalhos anteriores; ao proceder a uma identificação exaustiva dos materiais, técnicas e utensílios de construção; vai mais longe, ainda, ao expor uma metodologia, com critérios bem fundamentados e medidas claramente explicitadas, para a preservação do património estudado sem o aprisionar em conceitos museológicos, na proposta de uma “ética da e na intervenção”, não esquecendo a qualidade de vida dos habitantes ou utentes, na perspectiva duma “vida em contínua mudança e evolução”; vai mais longe, finalmente, ao apresentar critérios para a classificação patrimonial de componentes comumente esquecidos da Arquitectura Popular – aldeias, lugares, casas,

palheiros, currais, moinhos, fornos, capelas, pombais, etc.

É neste último capítulo que se propõe uma definição dos vários graus de intervenção – preservação, restauro, alteração, ampliação, demolição/substituição. E também a construção de raiz como “novo património”. E aqui o Autor fornece exemplos de arquitectura contemporânea na região que, sem esquecer contributos mais recentes, dá especial relevo à obra de Chorão Ramalho, demonstrando “como a cultura é intemporal e não limitada a uma época ou a um tipo, antes interactiva, aceitando o contágio de outras arquitecturas, vernácula e popular, em convivência saudável”.

Ao falar da “ética da e na intervenção”, sabemos, de acordo com Victor Mestre, que se está a trabalhar sobre uma herança que nos foi legada por uma cultura em vias de extinção, e que por isso o seu exercício não irá além de casos de excepção, isolados num território assolado por uma descaracterização acelerada. As raízes culturais, os modos de vida e de produção, o gosto dominante que construíram aquele património pertencem hoje a um passado que as novas gerações não querem recordar. Não obstante, o Autor ousa esperar por um novo tempo em que “se poderá voltar a habitar o campo com a mesma dignidade de outrora... numa relação de harmonia entre o homem e a natureza”.

**3.** Para que o apontado maior alcance deste trabalho fosse atingido terá provavelmente contado a menor dimensão e variedade do universo estudado, relativamente aos que o precederam; mas também, certamente, uma mais clara definição tanto de conceitos como de instrumentos de análise, a partir de contributos anteriores. Isto, porque um dos seus maiores méritos reside na forma como se inscreve numa cadeia que já vem de longe, atando ramos dispersos e lhes confere um sentido preciso, virado para o estudo em causa. É assim que a exaustiva recolha bibliográfica apresentada não é apenas listada, mas digerida, repensada, potenciada, por forma a constituir um vector comum, de carácter pluridisciplinar, onde os contributos de Orlando Ribeiro, Veiga de Oliveira, Jorge Dias, Pais da Silva, Benjamim Pereira, Fernando Galhano, Keil do Amaral e muitos outros ganham uma premente actualidade e ressonância.

29 Abril 2001